

PARECER TÉCNICO sobre RODEIOS – 2016

São enfocadas, neste texto, as seguintes modalidades de provas de rodeio: Montaria, Bulldog, Calf Roping (laçada de bezerro), Team Roping (laçada dupla) e Pega-garrote, com referencia à possibilidade de os animais sofrerem física e mentalmente com a ocorrência de quedas, trações, laçadas, derrubadas, saltos, corcoveios e ainda com o fato de se encontrarem em condições de absoluta subjugação e exploração.

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das preocupações manifestadas, já há mais de vinte anos, pela BVA - BRITISH VETERINARIAN ASSOCIATION (Associação Britânica de Veterinários) - foi a de tentar definir as cinco mais importantes questões inseridas nas inúmeras atividades que atualmente compõem o contexto do assim chamado “Bem-Estar Animal”. Este procedimento tornou-se necessário face à preocupação de natureza ética que pretende zelar para que o ser humano, ao utilizar os animais, em uma grande diversidade de situações, seja orientado para respeitar-lhes a capacidade de sofrimento e o direito à própria vida.

Assim, a BVA fez realizar-se, em abril/85, o primeiro Simpósio da ANIMAL WELFARE FOUNDATION, (Fundação para o Bem-Estar Animal) centrado na discussão do tema “PRIORITIES IN ANIMAL WELFARE” (Prioridades no Bem-Estar Animal). Das cinco prioridades estabelecidas, uma delas destacou-se: “**FREEDOM FROM PAIN AND DISCOMFORT**”, alusiva ao direito natural dos animais de não serem submetidos a dor e desconforto.

Esta questão não é simples de ser discutida, uma vez que **o sofrimento é um fenômeno de vivência subjetiva.**

Quem está sofrendo sabe que está sofrendo e o quanto está sofrendo. Envolve, portanto, aspectos éticos da mais alta relevância, embora bastante sutis.

Mesmo em relação ao ser humano, cada um de nós verdadeiramente sabe o que é dor, em si mesmo. Valendo-se de mecanismos de homologia (correspondência no plano da forma) e de analogia (correspondência no plano da função), isto é, em termos comparativos é que um indivíduo pode admitir ou supor a ocorrência de dor/sofrimento em outro indivíduo. Vamos imaginar

- usando um exemplo bastante corriqueiro - que eu já tenha sentido uma “dor de dente” de determinada intensidade. Sabendo que as outras pessoas e alguns animais possuem dentes parecidos com os meus, tanto na forma quanto na função, eu posso aceitar que na vigência de problemas similares aos que eu tive, esses indivíduos também sintam dor, como eu senti, quando estive sob as mesmas condições.

II. RECURSOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE SINAIS DE DOR/SOFRIMENTO NOS ANIMAIS

Com base no enfoque referido e obedecendo os rigores do método científico, admitem-se três maneiras mediante as quais um indivíduo pode identificar a ocorrência de dor/sofrimento em outro indivíduo. Estas informações constam dos Anais do Simpósio “THE DETECTION AND RELIEF OF PAIN IN ANIMALS” (A detecção e o alívio da dor nos animais), publicado pela BVA em abril/85 e são as seguintes:

- 1. Comunicação da Experiência**
- 2. Sinais Fisiológicos**
- 3. Comportamento Sugestivo**

É claro que, como em todas as classificações que são feitas com finalidade didática, podem acontecer situações nas quais características de um dos itens agora apreciados manifestem-se de permeio a outras, de outros itens. Por exemplo, uma expressão facial, uma dilatação de pupila ou um tremor podem representar um sinal comportamental ou fisiológico, mas também podem servir para comunicar a experiência a outrem.

1. Comunicação da Experiência (de ocorrência de dor/sofrimento)

Acontece usualmente entre os seres humanos, na medida em que o indivíduo que está na vivência da situação, informa a outro indivíduo, por exemplo, através da fala ou da escrita, o que está sentindo. É comum, durante o exame clínico, ao abordar determinada região do corpo, o médico perguntar ao paciente: - Aqui dói? E quando a resposta é positiva, ele continua com sua investigação perguntando sobre as características da dor, se é contínua ou intermitente, sua intensidade, etc. Em outras palavras, o próprio sujeito da dor é que representa a fonte das informações que se terá sobre a sua dor. Este procedimento, do ponto de vista científico, deve ser encarado com reservas, uma vez que existem limites, como a sinceridade do informante. Ele pode

estar mentindo ou exagerando. Pode estar se valendo inconscientemente de uma estratégia para chamar a atenção das pessoas. Pode falar uma língua estranha que não entendemos. Pode ser muito idoso e já ter as idéias confusas. Pode ter uma deficiência mental grave, estar em coma ou simplesmente ser um bebê.

1.1 - como os médicos podem reconhecer a ocorrência de dor em bebês ou em pacientes comatosos?

A situação dos bebês humanos e dos pacientes em coma é muito parecida à dos animais, pois nenhum deles tem condições de transmitir verbalmente, por palavras articuladas oralmente ou escritas, a quem quer que seja, o que estão sentindo. Entretanto, os animais podem vocalizar, emitindo uivos, gemidos ou sons de outras características o que, para profissionais médicos veterinários e pessoas próximas ao dia-a-dia dos animais, que conhecem seu comportamento, pode ser interpretado como sinal indicativo ou sugestivo da ocorrência de dor e/ou sofrimento.

A título de ilustração, passo a relatar alguns episódios do cotidiano, vividos por pessoas de meu relacionamento próximo. Uma jovem mãe levou seu filhinho de meses a um terceiro médico, pois o bebê chorava, aos gritos, há dois dias e duas noites, sem diagnóstico e sem lenitivo. Na sala de espera, uma senhora já idosa aproximou-se dela e lhe disse: - Minha filha, eu criei 11 filhos e sei que esse choro é de dor de ouvido. Quando você entrar, peça para o médico examinar o ouvido dele! Isso foi feito e o médico confirmou o diagnóstico de otite bilateral. Portanto, é preciso saber “ler” os sinais que estão sendo emitidos pelo indivíduo, e decodifica-los como indicativos de dor/sofrimento. Certa feita entrei em uma UTI, em visita a familiar. Sua expressão de sofrimento era evidente, e as tentativas de comunicar o que sentia eram penosas e inúteis. Quando percebi que ele movia os dedos, coloquei uma caneta em sua mão e a duras penas ele conseguiu escrever sobre o papel disponível, as palavras “ar seco”. A enfermeira, então constrangida, identificou que estava desligada a umidificação do ar do respiradouro. Recentemente, surgiu no campo da Bioética, uma questão bastante polêmica nos procedimentos de transplantes de órgãos. Como os órgãos – rins, coração, fígado, pulmões) são retirados do indivíduo com morte cerebral, mas organicamente vivos, em um ato cirúrgico de grandes proporções, pairava a dúvida se o doador poderia de alguma forma sentir dor ou vivência de sofrimento, passando então a ser recomendada, pelas entidades competentes, a anestesia desse doador.

Desejo ressaltar, com o relato desses casos, que não é fácil, mesmo em se tratando de seres humanos, e também para animais, a avaliação dos sinais indicativos de dor/sofrimento, principalmente por duas razões: 1 – a vivência das situações de dor/sofrimento envolve um aspecto subjetivo, ao qual os protocolos médicos e veterinários não têm acesso; 2 – “a ausência de evidência não é evidência de ausência”, ou seja, a falta de sinais claros de ocorrência de alguma coisa, não significa que essa coisa não exista. Por exemplo, nos laudos (negativos) dos exames proctológicos (de fezes), sempre lemos as expressões: “não foram encontrados ovos ou larvas de parasitas...” e jamais a afirmativa de que “não existem parasitas...”, pois pode ser que eles existam mas não tenham sido identificados pelos métodos utilizados.

2. Sinais Fisiológicos

Para entender a importância dos sinais fisiológicos na detecção de determinados estados orgânicos vivenciados por um indivíduo, vou me permitir lembrar episódio de uma obra literária. Em certo momento, a personagem, que vive uma situação muito difícil, confia suas aflições a uma tia do marido, muito idosa, segurando-lhe as mãos. Ao insistir para que a senhora creia em sua sinceridade, ouve dela a resposta positiva: - “*Sim, eu acredito em você, minha filha, porque ninguém finge mãos frias*”. A sabedoria da idosa senhora põe à mostra um fato cientificamente incontestável, o de que algumas funções orgânicas se manifestam independentemente do controle da vontade, como a vasoconstrição periférica – em que o indivíduo fica pálido e com a superfície cutânea mais fria, como é o caso das “mãos frias”, a dilatação das pupilas (midríase) e a aceleração do ritmo cardíaco, etc.

Entende-se por Fisiologia, o ramo da ciência que estuda a dinâmica dos processos que acontecem na intimidade dos órgãos e do organismo como um todo, responsáveis pelo desempenho de suas funções. Assim, é por intermédio de pesquisas em Fisiologia que se tem conhecimento de uma série de dados característicos do padrão de normalidade das diferentes espécies animais - entre elas incluindo o próprio homem - como temperatura, frequência cardíaca e respiratória, de registro eletroencefalográfico e eletrocardiográfico, etc.

Esses sinais acontecem por um mecanismo de **somatização**, através do qual o indivíduo (ser humano ou animal), mesmo de maneira inconsciente e involuntária imprime no corpo físico (soma), modificações funcionais resultantes de suas condições mentais/emocionais. Em outras palavras, esses sinais fisiológicos acontecem não apenas pela ocorrência da “sensação” de dor

orgânica, como também pelo sofrimento que o indivíduo vivência (mentalmente, emocionalmente), motivado pela dor.

2.1 - diferença conceitual entre dor (física) e sofrimento. Na organização morfofuncional de animais como eqüinos e bovinos, e também do próprio ser humano, existe uma seqüência de estruturas nervosas responsáveis pela recepção dos estímulos causadores de dor (nociceptivos) e condução desses estímulos até determinadas regiões do cérebro. Na vigência, por exemplo, de uma queimadura na pele, causada de maneira natural ou experimental, existem técnicas bastante sofisticadas, mediante as quais é possível fazer-se a “evocação do potencial elétrico” no córtex cerebral (em áreas chamadas “primárias”) correspondente aos estímulos nociceptivos (causadores de dor) que aí chegaram, provenientes da lesão por queimadura. A rigor, metodologicamente (cientificamente) falando, este procedimento está apenas confirmando que, do ponto de vista orgânico, o aparato nervoso receptor e condutor dos estímulos de dor está íntegro, está funcionando. Algumas regiões do córtex cerebral, as chamadas “áreas de associação terciárias” acham-se fortemente implicadas na etapa de processamento e interpretação dos estímulos (no caso, causadores de dor/sofrimento). Essas áreas corticais representam, por assim dizer, o “fim da linha” neural (orgânica) de condução desses estímulos, uma vez que, de alguma forma, ainda desconhecida pela Ciência, a partir daí esses estímulos adentram a **dimensão subjetiva** do indivíduo, quando então acontece o “**sentir**” a dor.

Poderíamos, então, estabelecer a seguinte seqüência:

No terreno orgânico (corpo físico):

Percepção de estímulos nociceptivos (causadores de dor).

Condução desses estímulos até o cérebro.

Implicando também a dimensão subjetiva (mente ou psiquismo):

Processamento e interpretação dos estímulos.

Eventual vivência da sensação (o “sentir” a dor).

Eventual vivência de sofrimento (vivência subjetiva que implica no significado particular dessa sensação, para esse indivíduo).

Na dimensão subjetiva, o processamento e conseqüente interpretação dos estímulos vai ser feito em função do arquivo de memória do indivíduo. Daí se dizer que “gato escaldado tem medo de água fria”. Vai se fazer também em função de características individuais de cada um. Tanto para os animais

quanto para os seres humanos, é possível que um mesmo estímulo sabidamente causador de dor, resulte em sofrimento de intensidade diferente para cada indivíduo. Portanto, conceitualmente, pode-se fazer uma diferença entre o que seja dor e sofrimento, podendo coexistir ou acontecer separadamente. De modo geral, a vivência de uma dor física é acompanhada de sofrimento, mas pode haver sofrimento sem dor física. Um animal perseguido, acuado, subjugado, pode sentir-se ameaçado em sua integridade orgânica, e com isso sofrer, assim como podemos sofrer na cadeira do dentista antes mesmo do profissional acionar aquele torturante motorzinho sobre nós.

Por outro lado, a ocorrência de dor nem sempre significa sofrimento, pois sabe-se que entre os seres humanos há os que se comprazem em sentir dor (masoquistas) ou em provocar dor/sofrimento em outros indivíduos (sádicos). Também conforme relatam seres humanos que sofreram lobectomia frontal (cirurgia de remoção da porção mais anterior do cérebro), eles sentem dor mas não sofrem, pois não têm mais o substrato neural do cérebro que servia de instrumento à interpretação afetivo-subjetiva da dor.

- a dimensão mental dos animais – já foi o tempo em que se admitia que os animais eram simplesmente “máquinas cartesianas” desprovidas de sensibilidade e de outros atributos psíquicos. E por falar em “mente”, nos animais, é obrigatória a citação de Donald R. Griffin, um dos grandes estudiosos do assunto. Griffin, biólogo da Harvard University, e seu colega Robert Galambos descobriram, há algumas décadas, que os morcegos se orientam espacialmente no escuro graças ao seu próprio mecanismo de sonar. Griffin não parou por aí, pois em seguida, dedicando-se à análise do comportamento de abelhas e outros animais, acabou por lançar a idéia de que animais que consideramos os mais primitivos também pensam e podem ter consciência. Nesse enfoque, tornou-se pioneiro no campo da Etologia Cognitiva – termo que cunhou em seu livro “The Question of Animal Awareness” (A Questão da Consciência Animal), publicado em 1976, vertente da ciência-mãe (Etologia) que hoje discute sem preconceitos essas questões, livrando-se assim do que ele mesmo chama de “mentofobia”, ou seja, da premissa que diminui o valor dos animais não-humanos, negando qualquer possibilidade de que possuam pensamento, consciência, enfim, os atributos mentais que sem nenhuma contestação, admitimos para os seres humanos.

Griffin é autor, entre outras obras, do livro “Animal Minds”, leitura imperdível para os verdadeiramente interessados no assunto. Portanto, a própria ciência já tem mostrado pistas importantes sobre a existência dessa dimensão a que chamamos de “mente” ou psiquismo, nos animais.

Recentemente tivemos a grata surpresa de tomar conhecimento da “**Declaração de Cambridge**”, como ficou conhecido o manifesto de 26 neurocientistas procedentes de vários países, quando reunidos em um Simpósio sobre Consciência, no Reino Unido, em julho de 2012. Sob a liderança do Dr. Philip Low, pesquisador da Stanford University e do Massachusetts Institute of Technology, USA, assim eles se manifestaram:” *Não dá mais para dizer que não sabíamos: Todos os mamíferos, pássaros e alguns invertebrados como os polvos, têm consciência... as estruturas cerebrais implicadas na consciência em humanos também existem nos animais*”.

- a interação mente – cérebro. O cérebro como “órgão” de expressão da mente - queremos salientar que hoje uma boa parte dos neurocientistas admite plenamente ser o cérebro, o “órgão” (do grego *organon* = instrumento, meio, recurso) de expressão da dimensão subjetiva do indivíduo (mente ou psiquismo), e isto é válido tanto para o ser humano quanto para os animais, conforme expus detalhadamente em meu livro (Irvenia Prada) “A Alma dos Animais” (Editora Mantiqueira, 1997), significando, o termo alma (do latim *anima*), a dimensão subjetiva, também chamada de mente ou psiquismo. O cérebro de animais como bois e cavalos tem organização morfofuncional muito diferenciada, cujo modelo básico de construção é o mesmo do cérebro do ser humano, sendo a diferença entre eles, portanto, quantitativa e não qualitativa. Particularmente a área pré-frontal – porção mais anterior dos lobos frontais, relacionada à expressão de funções cognitivas - encontra-se presente não apenas no ser humano, mas também em animais, especialmente nos mamíferos. Veja-se, a exemplo, a publicação de J. M. Fuster intitulada “The Prefrontal Cortex: Anatomy, Physiology and Neuropsychology of the Frontal Lobe”, 2^a. ed. New York: Raven Press, 1989.

As características anatomofuncionais do cérebro dos animais permitem certas comparações (por homologia e analogia) entre o que ocorre com os animais e

o ser humano, até porque, no caso em questão, as vias neurais de dor (conjunto de estruturas nervosas pelas quais trafegam os estímulos causadores de dor, desde os receptores periféricos até o córtex cerebral) obedecem ao mesmo modelo de organização, tanto no ser humano quanto nos animais. Para mais informações, veja o livro de minha autoria (Irvénia Prada) “Neuroanatomia Funcional em Medicina Veterinária. Com correlações Clínicas”, cap. X (Prada, 2014).

Em virtude dos atuais estudos em Neurociência, não se admite mais, como antigamente, que os animais sejam seres irracionais, que não pensam, que agem apenas por instintivo ou por comportamento condicionado. A ETOLOGIA, ramo do conhecimento que muito recentemente se estruturou como ciência (da década de 50 para cá, pelo cientista Konrad Lorenz) e que se dedica ao estudo do comportamento animal, vem mostrando que o psiquismo dos animais é muito rico. Algumas espécies mais estudadas, que envolvem chimpanzés, golfinhos, cães e cavalos tem revelado extraordinárias características de sua mente, antes desconhecidas. Veja-se, a exemplo, “O Parente mais Próximo”, de Roger Fouts (no qual relata o trabalho de 30 anos tendo ensinado com muito sucesso, a chimpanzés, a linguagem gestual dos surdos-mudos), “O Mistério da Mente”, de Wilder Penfield (em que o autor declara que “em termos de comportamento é evidente que o homem não é o único a possuir uma mente”) e “A Psique do Cavalo”, de R.H. Smythe (no qual se percebe que, apesar de ser um animal gregário, é notável que o cavalo chegue a se tornar capaz de agir como indivíduo). Portanto, hoje a Ciência nos confere subsídios para analisar não apenas a possibilidade de dor física nos animais, mas também a de “sofrimento”, este encarado como vivência subjetiva, afeta ao seu contexto mental ou psíquico.

2.2 - a expressão de sinais fisiológicos nos animais, indicativos de dor/sofrimento

A abordagem desse tema já se acha divulgada em artigo de minha autoria (Irvénia Prada), publicado na Revista “Piccolo”, Ano VI/ n.34/maio98, Informativo da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária, contendo uma súmula da palestra “Rodeio: Diversão Humana e Sofrimento Animal”, proferida no I Congresso Brasileiro de Bem-Estar Animal, realizado em São Paulo, em 1997. Nesse trabalho são apresentados aspectos de natureza técnica, indicativos de que os animais sofrem com a utilização do sedém, peiteira, aplicação de esporas, com o barulho do sino, etc. , uma vez que, segundo constatei, todos os animais, durante sua permanência na arena mostram-se em midríase (estado de dilatação das pupilas), quando o esperado seria a

ocorrência de miose (estado de constrição das pupilas, em resposta à presença de luz natural ou artificial no ambiente). Note-se que utilizei e vou utilizar outras vezes as expressões “indicativo de” ou “sugestivo de”, uma vez que desejo, com este procedimento, atender os rigores do método científico. Valendo-me de um exemplo bastante corriqueiro, vamos supor que eu encontre no meio da rua, um cachorro morto, ensanguentado, com vários ossos quebrados. Sabendo que aquela rua é de tráfego intenso de carros e de caminhões, eu posso ser levada a concluir e afirmar que esse animal foi atropelado. Entretanto, a rigor, cientificamente (metodologicamente) falando, eu apenas posso afirmar que aqueles sinais (ossos quebrados, o cão está no meio da rua, etc., são indicativos ou sugestivos de que o animal tenha sido atropelado, pois existem outras possibilidades que, embora menos prováveis, devem ser consideradas.

Quanto à ocorrência de midríase (dilatação da pupila) em animais durante rodeios, basta que se observem fotos exibidas por revistas especializadas. Invariavelmente, os eqüinos ou touros que estão sendo montados apresentam em cada olho, um evidente halo luminoso, resultado da incidência de luz (do flash da maquina fotográfica ou outro foco de luz) que incide sobre o fundo do olho e é refletida. O mecanismo intrínseco de ocorrência dessa midríase acha-se mais detalhadamente explicitado na publicação de minha autoria (Irvénia Prada) “Bases Metodológicas e Neurofuncionais da Avaliação de Ocorrência de Dor/Sufrimento em Animais” (PRADA et al., Rev. educ. contin. CRMV-SP, vol. 5, fascículo I, 2002).

Este sinal fisiológico (midríase), nessas condições, é indicativo de vivência do “Síndrome de Canon”, que caracteriza a situação referida pela expressão inglesa “*to fight or to flight*”, ou seja, “lutar ou fugir”. Quando o ser humano ou o animal se sente ameaçado, agredido, assustado, com medo ou em pânico, automaticamente (de maneira inconsciente e involuntária) seu organismo é preparado para essa situação de emergência. Acontece então taquicardia (aumento da frequência cardíaca), aumento da pressão arterial, dilatação dos brônquios para facilitar a função respiratória, aumento do aporte sanguíneo para os músculos, pois eles é que serão solicitados para o lutar ou fugir, diminuição de sangue no território cutâneo (no ser humano é mais fácil perceber-se isto, pela palidez), transformação rápida de glicogênio em glicose (“combustível” energético para a ação dos músculos) e dilatação das pupilas (midríase). A ocorrência desta síndrome (conjunto de sinais fisiológicos) é altamente indicativo, do ponto de vista científico, de que os animais - no caso de “rodeios”, bovinos e eqüinos - estejam vivenciando sofrimento físico e mental. Aliás, as pessoas afetas à rotina dos matadouros sabem que, ao entrarem na linha de matança (“corredor” pelo qual os animais são conduzidos

ao abate), os bovinos ao se apercebem do que está acontecendo, imediatamente “entram” em midríase, indicativo da ocorrência do Síndrome de Canon.

3. Comportamento Sugestivo (de vivência de dor/sofrimento)

Os animais não verbalizam, isto é, não se comunicam através da palavra escrita ou falada, embora tenhamos o caso dos chimpanzés de Roger Fouts (“O Parente mais Próximo”) que se comunicam com seres humanos através da linguagem de surdos-mudos, com gestos que representam palavras, expressões e idéias. Surpreendentemente, esses chimpanzés expressaram noções de passado e de futuro e de “sentimentos” de medo, de perda pela morte de filhotes e de companheiros, etc. Mas, em se tratando de outros animais, como é o caso de bovinos e cavalos, temos de nos valer da observação dos sinais fisiológicos indicativos e do comportamento sugestivo da vigência de dor/sofrimento, quando esses animais se acham submetidos a determinadas situações. Assim, podem ser considerados sinais característicos do comportamento sugestivo de dor/sofrimento, movimentos de flexão e de extensão dos membros, movimentos de “retirada” da parte do corpo em relação ao agente agressor (em bebês humanos recém-nascidos, a punção capilar no calcanhar, em 0,3 segundos é seguida de retirada da perna não puncionada e em 0,5 segundos, de retirada da perna puncionada, segundo “A Linguagem da Dor no Recém-nascido”, pela Dra. Ruth Guinsburg - Sociedade Brasileira de Pediatria), o afastar-se para tentar fugir do agente agressor, coices, pulos, contorções do corpo e por vezes a emissão de sons característicos. Em determinadas situações de vigência de dor aguda e intensa, os animais podem mostrar imobilidade e contratura muscular principalmente dos músculos flexores, além de tremores.

Entretanto, **faz-se necessária a atuação da capacidade de percepção do observador**, para que se possa “decodificar” a linguagem de dor/sofrimento nos animais, expressa por sinais fisiológicos e comportamentais, uma vez que são vários e por vezes muito sutis. Este aspecto é tão importante que basta lembrar o fato referido por SHORT & POZNAK, em seu livro “Animal Pain”- Editora Churchill Livingstone, de que os bebês humanos recém-nascidos, na maior parte dos casos prematuros - que como os animais não comunicam sua vivência de dor/sofrimento pela linguagem falada ou escrita- até meados da década de 80 não eram submetidos a anestésicos ou analgésicos, mesmo durante procedimentos cirúrgicos, pois ninguém até então havia “percebido” a possibilidade de que pudessem sentir

dor e sofrer! Com o passar do tempo, enfermeiras e médicos começaram a notar, durante alguns procedimentos como coleta de sangue, punções e outros, alterações de padrões fisiológicos como aumento da frequência cardíaca e respiratória e aumento da pressão arterial, em bebês monitorados (ligados a aparelhos que durante todo o tempo registram essas funções), assim como mudanças de comportamento que, embora sutis, eram compatíveis com a vivência de dor/sofrimento.

Estudos recentes, é oportuno que se repita, da década de 80 para cá mostraram não apenas que os recém-nascidos também sofrem, como ainda que o seu limiar de dor é mais baixo que o dos adultos, isto é, um mesmo estímulo nociceptivo (causador de dor) deve provocar, no bebê, sofrimento de maior intensidade que no adulto. São palavras da Dra. Ruth Guinsburg, Doutora em Pediatria - Universidade Federal de São Paulo, em seu trabalho “A Linguagem da Dor no Recém-nascido”, publicado pela Sociedade Brasileira de Pediatria: - “...o adulto precisa “reconhecer” ou “decodificar” os sinais de dor emitidos pelo paciente pré-verbal. **O entendimento de tais sinais pelo adulto depende do seu conhecimento a respeito da dor nessa faixa etária, de sua sensibilidade e de sua atenção para a percepção desses sinais**” (destaques nossos, para fins do que segue).

Transpondo esta esclarecedora advertência, para a situação similar vivenciada pelos animais, que como os bebês humanos não verbalizam, bastaria fazermos a seguinte adaptação para o trecho destacado em negrito: **“o entendimento de tais sinais (fisiológicos e comportamentais), pelo ser humano, depende do seu conhecimento a respeito dos mecanismos de ocorrência e formas de manifestação de dor/sofrimento nos animais, de sua sensibilidade e de sua atenção para a percepção desses sinais”.**

III. ANÁLISE TÉCNICA de algumas das modalidades de provas de rodeio :

Montaria – são utilizados cavalos, éguas e touros como montarias e também alguns apetrechos, como sedem, esporas e corda americana. O sedém é uma espécie de corda trançada com crina de cavalo ou outros materiais, à qual ficam acopladas argolas, uma tira de couro e uma corda mais fina. Ele é aplicado ao redor do tronco do animal, na região da virilha e no momento de entrada na arena, é fortemente tracionado. As esporas, que são colocadas nos pés do peão por sobre as botas, apresentando rosetas de metal ou borracha dura, são utilizadas pelo na aplicação de golpes com as pernas sobre as paredes laterais do tronco do animal. A corda americana é feita de material

flexível, geralmente corda de nylon ou sisal trançado e se compõe de barrigueira, alça e cabo. A barrigueira é ajustada ao redor do tronco do animal, na região do tórax e em sua porção inferior são pendurados sinos. A alça representa o local onde o peão introduz a mão para segurar-se (Thormem, 1999).

A região da virilha, onde é ajustado o sedém, é particularmente sensível, tanto nos animais quanto nos seres humanos e em ambos os sexos, por relacionar-se à presença ou vizinhança de estruturas importantes nos mecanismos comportamentais de auto-preservação (sobrevivência) e de preservação da espécie (reprodução). Estes comportamentos são os mais básicos e, portanto, os que mais prontamente desencadeiam reações de defesa. O simples “roçar” de um objeto, por mais delicado que seja, na pele dessa região, faz com que os animais reajam instintivamente, pois a superfície lateroventral do abdome não se acha protegida por estruturas ósseas, como a sua superfície dorsal e todo o contorno do tórax. Além do mais, a pele da região da virilha é mais fina que a do restante do abdome possibilitando que sejam captados com maior intensidade, pelos seus receptores nervosos de dor, temperatura (frio e calor separadamente), tato e pressão, os estímulos que aí chegam. Em outras palavras, se algo frio ou quente se aproximar dessa região, o animal sentirá a sensação de frio ou de calor e, no caso do sedém, que é fortemente apertado ao redor do tronco, o animal com certeza sentirá as sensações de tato e pressão, que podem causar incômodo e mesmo sensação de dor, dadas as circunstâncias de se encontrar com essa corda apertada sobre sua virilha. De qualquer maneira, é evidente que saltos, corcoveios e torções do corpo representam tentativas que o animal efetua, para se livrar daquela “coisa” que o está incomodando. Como o sedem fica se atritando contra a pele da região, não são raras as lesões localizadas, conseqüentes.

O sedém passa imediatamente adiante do prepúcio, do pênis e dos testículos, nos cavalos, e das mamas, nas éguas. Entretanto, nos touros, como o pênis é do tipo fibroso e o prepúcio é mais longo, o sedem passa sobre o prepúcio, no qual está contido o pênis.

Não apenas a utilização do sedém, mas também a das esporas, a da corda americana, e todas as circunstâncias da ambiência e manejo (transporte, manobras, som muito alto, barulhos, luz intensa, espetáculos até altas horas da noite) levam os animais à vivência da chamada “**síndrome de emergência de Canon**”, que se compõe de vários sinais fisiológicos que acontecem de maneira conjunta e não isoladamente, conforme o descrito no item 2.2, sendo o de fácil observação, a midríase. Esses sinais são altamente sugestivos, chegando a ser comprobatórios de sofrimento dos animais.

Bulldog - ao atirar-se sobre o garrote, em velocidade, o peão busca segura-lo pelos chifres, para em seguida torcer o pescoço do animal e derruba-lo ao chão. Ao atirar-se sobre o garrote, exerce sobre a coluna vertebral do animal e também sobre os seus membros torácicos (patas da frente), uma considerável pressão representada pelo peso de seu corpo que vinha se deslocando em velocidade, acrescido da ação da gravidade. Vendo e revendo várias cenas de Bulldog, que foram filmadas por entidades promotoras desses eventos, pude notar que o impacto do corpo do peão sobre o garrote faz-se principalmente nessa região da coluna vertebral, correspondente às patas dianteiras e ao pescoço como um todo, uma vez que o peão busca agarrar-se aos chifres do animal. A região cervical (do pescoço) da coluna vertebral é uma área de particular interesse anatômico, conforme se lê no cap.5 - Biostática e Biomecânica Gerais (do corpo dos animais quadrupedais), no livro Anatomia dos Animais Domésticos, 1981, de Robert Getty. Assim, a coluna vertebral mostra-se como uma viga sustentada pelo apôio dos membros torácicos e pélvicos (dianteiros e traseiros), sendo que o pescoço, sustentando em uma de suas extremidades, a cabeça, insere-se à maneira de uma ponte levadiça, na porção mais anterior do tórax. Dadas suas funções, a região cervical da coluna vertebral, que se mostra em arco, apresenta dois pontos anatomicamente definidos, mais sujeitos às forças que incidem sobre o pescoço, isto é, a porção correspondente à metade do comprimento do pescoço (3a. e 4a. vértebras), por ser este local o de maior curvatura do arco, e a região da 5a., 6a. e 7a. vértebras, local onde a curvatura do arco se inverte para se continuar com a coluna torácica. Em grandes animais (cavalos, bovinos e também cães de raças avantajadas), este ultimo local costuma ser sede de uma afecção acompanhada de muita dor, pois esta é a região de emergência do plexo braquial, um conjunto de nervos calibrosos que se destinam à enervação da região e também, dos membros torácicos. De modo geral trata-se de uma subluxação das ultimas vértebras cervicais, produzida por traumatismos violentos ou mesmo treinamentos excessivos a que são submetidos animais ainda em crescimento, o que acontece particularmente com eqüinos e cães. O conjunto de sintomas que aparecem em traumatismos da porção final da coluna cervical constitui o que se conhece em clínica com o nome de “**Síndrome de Wobbler**”. Em se tratando de bovinos, na fita de vídeo a que aludi, um dos peões refere-se ao fato de que faz por dia, de 50 a 60 vezes o procedimento do Bulldog, para seu treinamento com vistas às competições. Neste caso, seria desejável a verificação de quantas vezes o mesmo animal é utilizado e sujeito à torção de seu pescoço, rolamento e queda, pois com certeza um animal

submetido repetidas vezes a essa situação, terá problemas nessa região da coluna (final da região cervical).

É preocupante a repetição de ocorrência de episódios de dor/sofrimento, não apenas pelas lesões corporais, mas também e principalmente pelas possíveis “cicatrices psicológicas” resultantes.

Após agarrar-se aos chifres do animal, o peão provoca uma torção de seu pescoço, em consequência do que o corpo do animal sofre um movimento espiralado, de tal forma que cai ao chão “meio de lado” para, no instante seguinte, rolar o corpo apoiando-se sobre a coluna, com as quatro patas voltadas para cima. No desenrolar dessa cena, muitas lesões de natureza física podem acontecer em varias partes do corpo do animal, como os membros, região das costelas e principalmente, conforme já referi, a coluna vertebral como um todo mas, em especial a região cervical (do pescoço), onde é aplicada a torção. Mesmo que não sejam detectadas lesões aparentes, não se pode afirmar que o animal não sofre, pois o simples fato de estar sendo perseguido, contido e violentamente derrubado, mediante torção brusca de seu pescoço, por si só representa fator determinante de sofrimento físico e mental. A presença ou ausência de lesão física não é tudo. Aliás, é necessário se entender que nem sempre a ausência de lesão aparente significa ausência de sofrimento. A exemplo, uma pessoa pode receber um tapa no rosto e não apresentar nenhuma lesão indicativa do fato. No presente caso do bulldog, é preciso lembrar que, dada a configuração robusta do pescoço dos bovinos, os efeitos deletérios de uma torção quase sempre passam despercebidos, pois a coluna vertebral, que é a estrutura mais sensível, localiza-se profundamente à massa muscular. A coluna vertebral é constituída por uma sequência de peças ósseas, as vértebras, formando-se em sua intimidade um canal que contem a medula espinhal. Essas vértebras são mantidas em posição à custa de ligamentos e músculos. Sujeitados à violenta torção do pescoço, esses ligamentos e músculos sofrem um grande impacto, podendo ocorrer até luxações ou sub-luxações das vértebras, ou seja, deslocamentos mais ou menos pronunciados das vértebras, em relação à sua posição normal. Esses processos são muito dolorosos, pois comprometem as raízes dos nervos espinhais, que se conectam com a medula espinhal aos pares, relativamente a cada espaço inter-vertebral. Na própria musculatura do pescoço, do lado contrário ao da torção, que é violentamente estirada pelo movimento imposto pelo peão, pode acontecer ruptura de feixes musculares, de seus tendões de inserção nas vértebras e mesmo de vasos sangüíneos. Entretanto, dada a configuração robusta do pescoço dos bovinos, esses efeitos deletérios quase sempre passam despercebidos. Por outro lado, os bovinos também são animais que caracteristicamente evidenciam muito mal, seus estados de sofrimento.

Parece que sofrem em silêncio. Não gemem, não chamam facilmente nossa atenção, o que facilita a possibilidade de que sejam camufladas situações de vivência de dor/sofrimento. Mas, em absoluto isto não significa que não sofram, pois são feitos dos mesmos tecidos orgânicos que tantos outros animais, inclusive o homem.

Calf Roping (Laçada de Bezerro) - Nessa prova são utilizados bezerros muito novos, com cerca de 40 dias de vida. Enquanto está correndo, o bezerro é laçado pelo peão que vem montado a cavalo, em velocidade. O laço, que atinge o seu pescoço, faz com que o bezerro estanque abruptamente, caindo sobre o solo. Ele é então erguido do solo pelo peão, que já desmontou rapidamente, sendo seguro inclusive pela prega cutânea que se dispõe entre o tronco e a perna traseira. É novamente atirado ao solo, agora em decúbito lateral, sendo três de suas patas amarradas juntas. Com o animal imobilizado, está terminada a prova. Como se leva em consideração a contagem do tempo, todos os movimentos são rápidos e bruscos, o que aumenta a possibilidade de ocorrência de traumatismos no bezerro, em varias partes do corpo (coluna vertebral, membros, costelas e órgãos internos que podem sofrer rupturas), ainda mais se levando em conta que são animais em início de seu desenvolvimento orgânico. Além das eventuais lesões corporais que podem resultar desse procedimento, é irrefutável a ocorrência de sofrimento mental ou psíquico nesses animais, dada a complexa configuração morfofuncional de seu sistema nervoso (cérebro e vias neurais), necessariamente implicada na avaliação e interpretação do fato de estarem sendo submetidos a perseguição e subjugação.

Team Roping (Laçada Dupla) - Neste tipo de prova existe a participação de dois cavaleiros, que perseguem um garrote. Enquanto um deles laça a cabeça, o outro laça as pernas traseiras, e eles se apresentam, após as laçadas, um de frente ao outro, sendo então o animal tracionado em sentidos opostos. À semelhança dos dois eventos anteriores, pode haver a ocorrência de lesões orgânicas em varias partes do corpo, com vigência de dor física mas, existe também a ocorrência de sofrimento mental, pelas razões já expostas.

Pega-Garrote - O animal é solto na arena e derrubado, de diversas maneiras e como possível, por dois peões. Conforme já comentado, todo tipo de movimento brusco e/ou violento pode ocasionar danos orgânicos aos animais, além da vivência de sofrimento mental, dada a situação de perseguição e de subjugação às quais se acham submetidos.

Conclusões Finais - A estrutura orgânica dos eqüinos e bovinos é passível de lesões na ocorrência de quaisquer procedimentos violentos, bruscos e/ou agressivos, em coerência com as características da constituição de todos os corpos formados por matéria viva. Por outro lado, sendo o cérebro, o “órgão” de expressão da mente, a complexa configuração morfofuncional que esse órgão exibe em eqüinos e bovinos é altamente indicativa da capacidade psíquica desses animais, de avaliar e interpretar as situações adversas a que são submetidos, disto resultando sofrimento.

Este é o nosso PARECER TÉCNICO

São Paulo, 09 de agosto de 2016

Profa. Dra. Irvênia Luiza de Santis Prada
Médica Veterinária CRMV –SP no. 0525
Profa. Titular Emérita (aposentada) – FMVZ - USP
Assessora Técnica do Forum Nacional de Proteção e Defesa Animal
Membro da Academia Paulista de Medicina Veterinária – cadeira no. 21
Autora do livro “Neuroanatomia Funcional em Medicina Veterinária. Com correlações Clínicas” (Editora Mantiqueira, 2014).

Dra. Vania de Fátima Plaza Nunes
Médica veterinária – CRMV – SP no. 4.119
Medica veterinária sanitarista
Diplomada em Ecologia e Educação ambiental, Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental pela UNICAMP
Diplomada e especialista em BEA – Bem-Estar Animal pelo E-Learning Cambridge Institute-UK